



61ª ASSEMBLEIA GERAL

Aparecida – SP, 10 a 19 de abril de 2024

II. Comunhão

O primeiro raio da luz de Cristo, “que resplandece no rosto da Igreja” (*Lumen gentium*, 1), é a comunhão. Já na primeira Carta de João se vê a consciência de que a comunhão entre os crentes e com Deus é a finalidade explícita do anúncio evangélico:

“Isso que vimos e ouvimos, nós vos anunciamos, para que estejais em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. Nós vos escrevemos estas coisas para que a nossa alegria seja completa” (1Jo 1, 3-4).

No documento final do Sínodo dos Bispos de 1985, vinte anos após o encerramento do Concílio, a comunhão é apresentada como o termo peculiar do próprio mistério da Igreja¹. É do conhecimento geral o debate pós-conciliar vivaz que se acendeu em torno desta categoria eclesiológica; e, certamente, não é esta a ocasião para o examinar. Apesar disso, o Papa Francisco propõe precisamente a comunhão como uma das três palavras que ilustram a dimensão sinodal da Igreja. Eis as suas considerações:

“A palavra comunhão não se expressa com maiorias ou minorias, mas nasce essencialmente da relação com Cristo. Jamais teremos um estilo evangélico nos nossos ambientes, se não colocarmos Cristo no centro; e não este partido ou aquele, esta opinião ou aquela outra, mas Cristo no centro. Muitos de nós trabalham juntos, mas o que fortalece a comunhão é poder também rezar juntos, escutar juntos a Palavra, construir relações que vão além do simples trabalho e reforçar os laços bons – os laços bons entre nós –, ajudando-nos uns aos outros. Sem isto, corremos o risco de ser apenas estranhos que colaboram, concorrentes que procuram a melhor posição ou, pior ainda, as relações que se criam parecem assentar na cumplicidade ditada por interesses pessoais, esquecendo-se da causa comum que nos mantém unidos. A cumplicidade cria divisões, cria fações, cria inimigos; a colaboração exige a grandeza de se aceitar como parcela e abrir-se ao trabalho em grupo, mesmo com quem não pensa como nós. Na cumplicidade, se

¹ Cf. MARTINELLI, P. “Comunione”, in: *Lexicon. Dizionario Teologico Enciclopedico*. Casale Monferrato: Piemme, 1993. p. 185.





está junto para obter um resultado externo. Na colaboração, se está junto porque se tem a peito o bem do outro e conseqüentemente de todo o Povo de Deus, a quem somos chamados a servir [...]. A perspectiva da comunhão implica, ao mesmo tempo, reconhecer a diversidade que nos habita como dom do Espírito Santo. Sempre que nos afastamos deste caminho e vivemos comunhão e uniformidade como sendo sinônimos, debilitamos e emudecemos a força vivificante do Espírito Santo no meio de nós. A atitude de serviço pede-nos – gosto de dizer: exige-nos – a magnanimidade e a generosidade para reconhecer e viver com alegria a multiforme riqueza do Povo de Deus”².

Peço desculpas pela longa citação, mas penso que realça bem, com detalhes muito concretos, a delicadeza das relações eclesiais numa visão de comunhão: por um lado, a necessidade de trabalhar em equipe, de ter no coração sobretudo o bem comum, de reconhecer a diversidade como uma riqueza e não como um perigo; e, por outro lado, o risco sempre ameaçador das facções, dos interesses de parte, da rivalidade recíproca.

À vista desta descrição do Santo Padre, me vem à mente a situação conflituosa na Igreja de Corinto, da qual Paulo fala, em sua Primeira Carta àquela comunidade, com muita preocupação. Realmente, ao dizer que devemos colocar constantemente a Cristo no centro, o Papa parece fazer ressoar as recomendações do Apóstolo aos Coríntios. Por isso, quero retomar convosco alguns trechos desta carta paulina, voltando a refletir sobre a metáfora neotestamentária que melhor expressa a ideia de *comunhão* eclesial: a do corpo uno composto por muitos membros. É uma imagem muito conhecida e utilizada, mas penso que contemplar, em sentido sinodal, a Igreja como corpo de Cristo poderá proporcionar-nos novos motivos de gratidão e de consolação espiritual.

1) O corpo

Dirigindo-se aos cristãos de Corinto, Paulo utiliza a imagem do corpo, colocando em cena um debate entre os seus diversos membros que, “ganhando vida”, discutem entre si³. Os olhos e a cabeça tomam a palavra e, por estar colocados no alto, sentem-se superiores às mãos e aos pés, acreditando que são a parte mais nobre do corpo. Por sua vez os pés, fartos

² PAPA FRANCISCO, *Discurso à Cúria Romana para as felicitações de Natal*. 23 de dezembro de 2021.

³ Trata-se do fenômeno da *prosopopeia* ou *personificação* (*fictio personae*) que consiste “em retratar como pessoas seres inanimados ou entidades abstratas” (MORTARA GARAVELLI, B. *Manuale di Retorica*, Milão: Bompiani, 1997. p. 263).





de andar, seja por se sentirem avaliados de forma tão negativa pelos olhos e a cabeça, seja por se encontrarem objetivamente na parte mais baixa do corpo, sofrem dum complexo de inferioridade.

“Como o corpo é um, embora tenha muitos membros, e como todos os membros do corpo, embora sejam muitos, formam um só corpo, assim também acontece com Cristo. De fato, todos nós, judeus ou gregos, escravos ou livres, fomos batizados num só Espírito, para formarmos um só corpo, e todos nós bebemos de um único Espírito. Com efeito, o corpo não é feito de um membro apenas, mas de muitos membros. Se o pé disser: ‘Eu não sou mão, portanto não pertencço ao corpo’, nem por isso deixa de pertencer ao corpo [...] Mas, de fato, há muitos membros e, no entanto, um só corpo. O olho não pode dizer à mão: ‘Não preciso de ti’, nem a cabeça dizer aos pés: ‘Não preciso de vós’. Bem mais ainda, mesmo os membros do corpo que parecem ser os mais fracos, são indispensáveis [...] Vós todos sois o corpo de Cristo e, individualmente, sois membros desse corpo. Assim, na Igreja, Deus estabeleceu, primeiro, os apóstolos; segundo, os profetas; terceiro, os que ensinam” (1Cor 12, 12-15.20-22.27-28).

Paulo dirige-se a uma comunidade cheia de conflitos, provocados por alguns fenômenos extraordinários: as assembleias transformavam-se em reuniões um pouco agitadas devido à excitação extática da glossolalia, que impressionava muito as pessoas simples. Os cristãos dotados deste dom espiritual vistoso acabavam por se sentir superiores aos outros. Provavelmente, a comunidade cristã coríntia sofria os influxos da cultura greco-romana, fascinada pela inspiração em oráculos. O efeito nocivo, denunciado pelo Apóstolo, é a discriminação e a rivalidade entre os fiéis quando, em verdade, os dons do Espírito são dados para o bem de todos (cf. 12, 7). Por esta razão Paulo elabora um longo discurso sobre a relação mútua que existe entre os diferentes membros que formam um único corpo.

O batismo cria uma igualdade fundamental entre todos os fiéis (12, 13), apesar da diferença de funções. Precisamente como acontece com as diferentes partes do corpo humano: todas gozam da mesma dignidade, ainda que ocupem posições e desempenhem funções diversas. Todas elas, de fato, são necessárias à vida do organismo inteiro. Descendo aos detalhes, Paulo diz que a cabeça e os olhos, apesar de estarem numa posição de preeminência em relação aos pés e às mãos (v. 21), não podem agir sozinhos. Por outro lado, os pés, embora encontrando-se na zona mais baixa do corpo, nem por isso o seu serviço é menos importante ou digno (v. 15). Isto é suficiente





para eliminar seja a alegada superioridade dos fiéis dotados de glossolalia, seja o sentimento de inferioridade daqueles que não a possuíam. Até porque Deus confere “maior honra” às partes mais humildes (v. 24), afirma o Apóstolo. Todos precisam de todos; e cada um, mesmo a pessoa mais simples, pode e deve dar um contributo significativo.

Mas esta igualdade comum não exclui uma hierarquia na lista dos ministérios: são mencionados os apóstolos, os profetas, os que ensinam, os que tem o dom de fazer milagres, etc. (v. 28). A tarefa dos apóstolos e dos ministros da Palavra é colocada no início, enquanto o dom de falar diversas línguas aparece no final do elenco, para relativizar a sua importância⁴.

Voltando à imagem somática, notamos como é linear a comparação entre as várias partes do corpo e os diferentes membros da comunidade cristã: diversidade de funções na unidade de fundo. Além disso, esta metáfora nem sequer é original, pois já a cultura greco-romana comparava os diferentes componentes do Estado às partes de um corpo⁵.

2) A originalidade da metáfora

A novidade absoluta deste argumento paulino reside na identificação cristológica do corpo eclesial. Na verdade, o Apóstolo não fala de muitos membros no corpo da Igreja, mas diz: “Como o corpo é um, embora tenha muitos membros, e como todos os membros do corpo, embora sejam muitos, formam um só corpo, assim também acontece com Cristo” (v. 12). Todos os fiéis, juntos, não formam somente o corpo da Igreja mas, sobretudo, o corpo de Cristo. Este conceito aparece refirmado no versículo 27 [vinte e sete]: “Vós todos sois o corpo de Cristo e, individualmente, sois membros desse corpo”. Aqui está toda a originalidade da afirmação paulina.

Portanto, no respeito pleno das intenções de Paulo, não se deveria falar de “imagem” e de “metáfora”, porque o significado que emerge é fortemente realista. A comunidade cristã não mantém uma relação apenas de estima e memória afetiva com o seu Fundador; mas está consciente de que o Ressuscitado a uniu a Si mesmo de modo vital, incorporando todos os fiéis na sua própria vida divina. A Igreja é *realmente* o seu Corpo, o seu “prolongamento” somático na história e no mundo; graças aos sacramentos e à ação do Espírito Santo, circula nas veias da Igreja a própria vida de Cristo!

⁴ Observações extraídas de MARTIN, A. *Sinodalità. Il fondamento biblico per camminare insieme*. Brécia: Queriniana, 2021. pp. 84-89.

⁵ A imagem é utilizada tanto por Menênio Agripa como por Sêneca para indicar a complexidade do Estado, composto por cidadãos e pela “cabeça” que é o imperador. Também na linguagem contemporânea o termo “corpo” serve para indicar uma realidade coletiva.





“Entre Jesus e os seus discípulos – diz o Cardeal Martini – existe uma espécie de identificação”⁶. Esta consciência é garantia perene de uma alegria que ninguém nos poderá jamais tirar. Escutemos as palavras vibrantes de Santo Agostinho:

“Alegremo-nos, demos graças a Deus, não só porque nos tornou cristãos, mas porque nos tornou o próprio Cristo. Tendes consciência, irmãos, da graça que Deus nos deu ao conceder-nos Cristo como Cabeça? Exultai, rejubilai, porque nos tornámos Cristo. Se Ele é a Cabeça, nós somos os membros: Ele e nós somos um homem completo”⁷.

Portanto, as relações de cooperação e reciprocidade entre os cristãos não são comparáveis aos acordos feitos em qualquer forma de agregação e convivência humana. As relações de corresponsabilidade e de pertença mútua brotam, antes, da própria natureza da Igreja: esta é um organismo vivo, que recebe a sua existência da força vital de Cristo Ressuscitado. “Nos tornamos o próprio Cristo”, recordava Santo Agostinho. A seiva da Igreja é a própria vida de Jesus na vida dos fiéis. “É nesse corpo – afirma a *Lumen gentium* – que a vida de Cristo se difunde nos que creem, unidos de modo misterioso e real, por meio dos sacramentos, a Cristo padecente e glorioso”⁸. Portanto, os cristãos formam, todos juntos, um corpo que pertence ao Senhor glorioso e sobre o qual Ele infunde a sua própria vitalidade divina através da rica pobreza da vida sacramental. Teodoro de Mopsuéstia, aludindo à primeira Carta aos Coríntios (10, 17), dizia: “Se todos nos alimentamos do mesmo corpo e do mesmo sangue, somos todos o único Corpo de Cristo”⁹. Aqui radica o fundamento teológico da autocompreensão da Igreja em sentido sinodal: todos os membros da comunidade cristã são chamados a colaborar e caminhar juntos porque, embora sob títulos diversos e com responsabilidades diferentes, fazem parte de um único Corpo.

Daqui resulta de forma imediata também a distinção e a interligação dos ministérios, numa estrutura hierarquicamente constituída: assim como há diferenças de funções nos membros dum organismo vivo, assim também há uma distribuição de tarefas: apóstolos, profetas, mestres e depois o dom de realizar milagres, curar, assistir, governar, falar diversas línguas (cf. v. 28). Todas, porém, necessárias para a vida do corpo eclesial.

⁶ MARTINI, C. M. *L'utopia alla prova di una comunità. Meditazioni sulla prima lettera ai Corinti*, Casale Monferrato: Piemme, 1998. p. 44.

⁷ AGOSTINHO, *In Evangelium Johannis tractatus*, 21, 8.

⁸ CONCÍLIO VATICANO II, Const. dogm. *Lumen gentium*, 21 de novembro de 1964, n. 7: AAS 57 (1/1965), 9.

⁹ TEODORO DE MOPSUÉSTIA, *Catequese 2 sobre a Missa*, n. 24 (homilia XVI).





3) Implicações eclesiais

A ideia paulina da Igreja como corpo de Cristo é portadora de muitas consequências concretas para a vida dos fiéis e para o caminho sinodal da Igreja. Nos limitaremos a retomar apenas algumas delas.

Em primeiro lugar, se todos os membros pertencem a um único corpo, então todos os membros se pertencem reciprocamente. Ninguém é estranho ou inimigo, mas somos todos irmãos. Obviamente, para Paulo, começa-se a integrar o corpo da Igreja com o batismo, mas idealmente um certo grau de pertença pode e deve ultrapassar os limites da comunidade eclesial, incluindo – pelo menos de forma incoativa – todo homem e toda mulher. Com efeito, o Santo Padre afirma:

“Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos [...] Precisamos de nos constituir como um ‘nós’ que habita a casa comum”¹⁰.

Além disso, da pertença recíproca, deriva o cuidado que deve ser reservado a cada ser humano. A palavra de ordem, neste caso, deveria ser “solidariedade”, que pode ser expressa na atenção aos mais fracos, no “amor político”¹¹, no cuidado do meio ambiente com uma ecologia integral¹². Ninguém é estranho, somos todos irmãos (como declara concretamente a Encíclica), todos interligados uns com os outros, partilhando as alegrias e tristezas dos outros (cf. *1Pd* 3, 8).

Em segundo lugar, se a Igreja é comparável a um corpo, então, para ser um organismo saudável, deve evoluir e crescer. Um ser vivo não pode parar o seu desenvolvimento, caso contrário morre: “Peçamos ao Senhor que liberte a Igreja daqueles que querem envelhecê-la, ancorá-la ao passado, travá-la, torná-la imóvel”¹³. E os maiores obstáculos a este movimento de evolução são a estagnação, o “sempre se fez assim”, a acídia pastoral, o pessimismo estéril, as guerras inúteis entre nós¹⁴ (certamente repararam que todas estas observações são excertos do magistério do Papa Francisco...). O melhor antídoto para esta forma de inércia é a criatividade e a imaginação,

¹⁰ PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti sobre a fraternidade e a amizade social*. nn. 8 e 17.

¹¹ *Ibidem*, n. 180.

¹² Cf. PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato si' sobre o cuidado da casa comum*. Cap. IV, nn. 137-162.

¹³ PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Christus vivit aos jovens e a todo o povo de Deus*. n. 35.

¹⁴ Cf. PAPA FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii gaudium*, em particular o item “Tentações dos agentes pastorais”, nn. 76-86.





conforme referi na meditação anterior. Em 2014, no Congresso Internacional da Pastoral das Grandes Cidades, o Papa recomendou com insistência “uma mudança na nossa mentalidade pastoral. É preciso mudar!”¹⁵, disse. Se a Igreja não evolui, deixa de ser um corpo em crescimento e acaba por definhar, tornando-se uma múmia.

Neste sentido, é necessário passar duma pastoral de conservação a uma pastoral generativa. Mas o que significa ser generativo? Gerar e transmitir vida significa preocupar-se mais com a existência dos outros do que com a própria. Esta atitude costuma ser vivida quase que espontaneamente pelos pais: mostram-se mais dedicados com o destino dos filhos do que com o próprio. Provavelmente também a nós, Bispos, sacerdotes e aos vários agentes pastorais, nos é pedido que vivamos tal atitude voltada para o exterior, deixando de lado a pergunta “o que será de *mim*?”, e perguntando-nos ao invés: “o que será *deles*?”. Desta forma, nas comunidades cristãs as gerações jovens terão a experiência de se sentir em casa, e as gerações adultas poderão exercitar concretamente a paternidade e a maternidade espirituais. Digo-o com infinito respeito, porque sei que existem tendências em curso que vos fazem sofrer muito: a hemorragia de cristãos para as inúmeras seitas, seguindo os mais variados gurus e tele-evangelistas, e os integralismos dos cristãos que se alimentam da nostalgia do passado presumindo ser a única Igreja verdadeira. Tudo isto fere o corpo de Cristo... Já Simone Weil, num contexto histórico-político diferente do nosso em muitos aspectos, mas semelhante em tantos outros, fazia uma advertência muito sentida:

“É certamente inebriante sentir-se membro do corpo místico de Cristo, mas hoje muitos outros corpos místicos, que não têm Cristo como cabeça, proporcionam aos seus membros uma embriaguez, a meu ver, da mesma natureza”¹⁶.

Só um autêntico amor paterno e materno poderá deter estes fenómenos, salvaguardando a pertença eclesial.

Às vezes encontro pais – algumas vezes até bastante idosos – que se interrogam com um certo sofrimento: “Mas eu fui um bom pai? Fui uma boa mãe?”. Nós, Bispos, não devemos sentir-nos completamente “incólumes” diante desta questão: Sou um bom pai para a minha diocese? O meu serviço

¹⁵ PAPA FRANCISCO, *Discurso aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades*, 27 de novembro de 2014. Link: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_pastorale-grandi-citta.html

¹⁶ WEIL, S. *Atesa di Dio*, Milão: Rusconi, 1969. p. 53.





episcopal é generativo? O “catolicismo cultural” (que só existe como expressão sociológica) está a desaparecer em muitas partes do mundo, mas não desapareceu de todo a questão sobre quem é verdadeiramente um pai e uma mãe para tantas pessoas que se sentem órfãs.

Depois, no que diz respeito à compreensão da Igreja como corpo de Cristo, nunca se deve esquecer a raiz transcendente – ou melhor, a raiz cristológica e sacramental – desta autoconsciência eclesial: todos nós formamos um corpo que pertence a Cristo e que d’Ele recebe a vida. Devemos incessantemente colocá-Lo no centro (como nos recordou o Papa), temos que viver com Ele, alimentar-nos d’Ele, com Ele devemos amar, pensar com os seus pensamentos, sofrer juntamente com Ele e, ancorados n’Ele, poderemos ressurgir. A vida da Igreja é, em última análise, uma “vida em Cristo” (cf. 2 Cor 5, 17), e é precisamente a Eucaristia que nos gera sem cessar como seu corpo eclesial. O coração incandescente da Igreja é este: o amor que nutrimos pela Eucaristia e o amor que brota da Eucaristia. Sem o amor, a Igreja é uma instituição simplesmente humana e deixa de ser ela mesma. Toda e qualquer reforma, como a desejada conversão pastoral e missionária das estruturas eclesiais, se não nasce do amor e não conduz ao amor, se reduzirá a um retoque estético, um expediente organizativo. O alimento que sustenta o percurso sinodal é a Eucaristia, e o espírito que marca o seu ritmo é o amor fraterno. “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13, 35).

4) Atitude “sinodal” proposta: a estima recíproca

Entre as diferentes atitudes que se poderiam sugerir para fazer crescer a comunhão e, conseqüentemente, a colaboração fraterna, coloca-se a estima recíproca, que São Paulo, aliás, relaciona firmemente com o amor mútuo. Ouçamos as suas indicações: “Que o amor fraterno vos una uns aos outros, com terna afeição, rivalizando-vos em atenções recíprocas” (Rm 12, 10). O Apóstolo exorta-nos a *primeirear* (esta é a tradução literal) na estima e no apreço recíprocos. Infelizmente por vezes, quando temos oportunidade, somos os primeiros a criticar, a divulgar boatos, a sentenciar juízos inapeláveis. Esquecemo-nos de que Paulo nos exorta à estima recíproca.

É interessante notar como é colocada em primeiro plano, não a simpatia, mas a estima. A simpatia é um sentimento muito belo, mas talvez um pouco excludente: ao classificar alguém como simpático, automaticamente excluo de algum modo todos aqueles que considero antipáticos. Ora, mesmo





naqueles com quem não simpatizo, posso encontrar características que merecem ser apreciadas positivamente.

Nas relações humanas e comunitárias, a estima é um elemento um pouco transcurado, mas fundamental, e poderia servir-nos como “catalisador” de dinâmicas sinodais. Podemos caminhar juntos independentemente das preferências e simpatias pessoais.

Esta atitude da estima deve ser cultivada a todos os níveis. Principalmente entre nós, Bispos, que formamos o Colégio Episcopal juntamente com todos os outros Bispos do mundo e o Romano Pontífice. Como poderíamos pensar em encarnar a *hierarchica communio*, como diz a *Lumen gentium*, no número 22 [vinte e dois], ou seja, a comunhão entre nós, se não partirmos do pressuposto de um apreço mútuo?

Além disso, o dom da estima deve alimentar as relações dentro dos nossos presbitérios diocesanos: os nossos sacerdotes devem ser encorajados e educados para apreciarem sinceramente o trabalho pastoral dos seus irmãos. O Papa Francisco, ao intervir no simpósio sobre a *Teologia Fundamental do Sacerdócio* (18 de fevereiro de 2022), e falar sobre as quatro proximidades do sacerdote, quando tratou daquela entre os sacerdotes, alertou contra a inveja e os preconceitos que às vezes envenenam as relações entre os nossos sacerdotes.

A própria questão relativa à relação entre os ministérios batismais e os ministérios ordenados não pode ser resolvida no contexto das reivindicações de alguns setores e da redistribuição de poderes: só a estima recíproca oferecerá o contexto fecundo para um crescimento harmonioso de todos os componentes ministeriais da Igreja.

Finalmente, a estima recíproca poderia ser verdadeiramente um dos primeiros pontos dos nossos programas pastorais, destinado a criar um clima positivo, de confiança mútua, de anseio de colaboração entre os agentes pastorais e todos os membros das nossas comunidades. Talvez assim pudéssemos voltar a gozar da “simpatia de todo o povo”, como diz Lucas nos Atos dos Apóstolos (cf. 2, 47) a propósito da comunidade primitiva: o futuro da Igreja está nas suas origens!





Apêndice: para continuar a reflexão com Carlo Maria Martini

“Partindo do Corpo de Cristo, Paulo lê a Igreja como uma unidade orgânica onde as diferentes partes formam uma coisa só e devem, portanto, ajudar-se mutuamente, colaborar, viver em profunda harmonia. Para ele a comunidade cristã é uma realidade bela, agradável, atraente, que dá alegria, tal como ao ouvido dá alegria o escutar um conjunto agradável de sons diferentes [...] Para compreender a visão, ao mesmo tempo, sacral e pneumática que Paulo tem da comunidade cristã, devemos recordar o que significava para um judeu dizer “templo”. É o lugar da Presença divina, a *Shekhinah*, o local onde se manifesta a santidade de Deus, o Altíssimo. Pensemos, por exemplo, no sentimento de êxtase que arrebatou Jesus quando, aos doze anos, entrou no templo de Jerusalém: ‘Eu devo estar naquilo que é de meu Pai’ (cf. Lc 2, 49). O templo é o lugar sagrado por excelência e por isso Jesus, já adulto, expulsará aqueles que o profanavam: ‘Está escrito: *Minha casa será casa de oração*’ (Lc 19, 46). No templo tudo é puro, incontaminado, tudo deve ser tratado com o máximo cuidado e respeito porque é propriedade de Deus. A extraordinária experiência do encontro com Cristo fez com que o hebreu Paulo compreendesse que agora a Igreja é o templo, a presença de Deus no mundo, a manifestação da sua glória e, portanto, dentro da comunidade cristã devem estabelecer-se relações cheias de delicadeza, respeito, amor [...] É uma visão sacral da Igreja que santifica o mundo, que está em toda parte como Deus está em toda parte. É uma visão pneumática da Igreja submetida à força do Espírito, de uma comunidade carismática e, portanto, rica de espontaneidade, de transparência, de paz; uma comunidade tão clara como um cristal, na medida em que é animada pelo Espírito do Ressuscitado [...] Sentireis assim





a necessidade de fazer subir a Deus o louvor e a ação de graças. Estamos habituados a entender a Igreja como uma realidade histórica que existe há séculos, a vê-la como algo óbvio, previsível. Mas, na verdade, ela é um grande presente de Deus, a obra-prima de Jesus Cristo. Não basta agradecer pela Igreja no Prefácio da Missa; precisamos de nos deixar envolver pelo espírito do Prefácio e vivê-lo na oração pessoal. Não há nada mais agradável ao Senhor do que a nossa gratidão pelo seu maravilhoso plano de salvação, no qual estamos incluídos. E dar graças também pela Igreja concreta que conhecemos, na medida em que corresponde ao plano de Deus, por aquilo que o realiza; agradecer pelo que nos foi dado... e que é tanto! [...] Procuremos perguntar-nos: como gostaria que fosse a minha comunidade? Sonho-a de acordo com o plano de Deus? E ainda: amo a minha comunidade? É lindo questionar-nos e responder na oração, deixando o coração livre para se expressar na verdade. Lembro-me de um padre que um dia veio me visitar. Queixava-se muito da sua comunidade: medíocre, fechada à escuta, nunca disposta a colaborar, indiferente a qualquer pedido e proposta. Ouvi-o em silêncio e finalmente perguntei-lhe: Ama a sua comunidade? E concluí: se a amasse, não falaria dela nesses termos! Portanto, amar e rezar pela própria comunidade, tal como fazia Paulo que orava dia e noite"¹⁷.

¹⁷ MARTINI, C. M. *L'utopia alla prova di una comunità. Meditazioni sulla prima lettera ai Corinti*, Casale Monferrato: Piemme, 1998. p. 46-47.49-51.

